



ANÁLISE CONSTRUCIONAL E RESOLUÇÃO CONTEXTUAL DE EXPRESSÕES METAFÓRICAS DE ESPAÇO E MOVIMENTO

CONSTRUCTIONAL ANALYSIS AND CONTEXTUAL RESOLUTION OF METAPHORICAL EXPRESSIONS OF SPACE AND MOVEMENT

*Ewerton William Estevam de Souza*ⁱ

*Paulo Henrique Duque*ⁱⁱ

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de detalhar o processo de simulação mental que o leitor executa ao se deparar com expressões de espaço e movimento. Para atingi-lo, usamos os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, que concebe a construção do sentido como resultado de habilidades cognitivas, as quais estão ancoradas em experiências perceptuais e motoras. Desta forma, analisamos, segundo o modelo de Análise Construcional e Resolução Contextual, textos extraídos da internet que continham expressões metafóricas de espaço e movimento. Através da identificação dos papéis do CONTÊINER e da TRAJETÓRIA, chegamos a uma análise mais refinada do processo de simulação mental, de modo que ressaltamos de forma mais detalhada como a conexão entre esses dois esquemas acontece. O trabalho é relevante para a área da Linguística Cognitiva porque proporciona um entendimento com mais precisão de como o aparato cognitivo (sistemas perceptuais e motores) atua na linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva. Simulação Mental. Espaço e Movimento.

ABSTRACT: The detailing of the mental simulation process that is performed by the reader once expressions of space and movement are encountered is the main goal of this research. For this purpose, theoretical assumptions of Cognitive Linguistics were used, as it conceives the construction of meaning as a result of cognitive skills. Such skills are rooted in perceptual and motor experiences. Thus, texts containing metaphorical expressions of space and movement were obtained on the Internet and analyzed according to the Constructional Analysis and Contextual Resolution model. Through the identification of the roles of the CONTAINER and the PATH, a more accurate analysis of the mental simulation process was drawn in order to precisely emphasize how the connection between both schemas occurred. In conclusion, this research is relevant to the Cognitive Linguistics area because it provides an accurate understanding on how the cognitive apparatus (perceptual and motor systems) performs in language.

KEYWORDS: Cognitive linguistics. Mental Simulation. Space and Movement.

Submetido em: 03 jun. 2019

Aprovado em: 28 ago. 2019

ⁱ Graduado em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: ewerton10@yahoo.com.br

ⁱⁱ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e coordenador do Grupo de Pesquisa Cognição & Práticas Discursivas (C&PD). E-mail: duqueph@gmail.com



Introdução

Este trabalho busca investigar como ocorre a construção do sentido metafórico de espaço e movimento em textos escritos. Para isso, fundamentamos a pesquisa na Teoria Conceptual da metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 1980), na noção de mente corporificada (LAKOFF; JOHNSON, 1999) e no modelo de gramática de construção desenvolvido por Chang e Bergen (2005), *Embodied Construction Grammar* (ECG).

A ECG concebe que a simulação mental tem um papel crucial na construção de sentido de sentenças, na medida em que, para compreendê-las, simulamos mentalmente seu conteúdo. Conforme Barsalou (1999) descreveu, a simulação mental consiste na recriação interna de experiências no momento em que lemos sentenças de ações, de modo que as mesmas redes neurais (sistemas perceptuais e motores) são ativadas tanto na execução daquela ação quanto na leitura/imaginação delas.

Segundo Bergen e Chang (2013), a simulação mental é dependente de esquemas imagéticos (Esquemas-I), uma vez que eles intermediam o processo pelo qual uma palavra conhecida ativa componentes perceptuais e motores da simulação. Embora o modelo de gramática de construção dê algumas pistas de como a simulação mental é executada, ainda há problemas a serem resolvidos. Tomando isso como ponto de partida, este trabalho tem o objetivo específico de contribuir para o preenchimento de algumas dessas lacunas, uma vez que investigaremos como e em que medida a estrutura gramatical em si participa do processo de construção de sentido da sentença.

A estrutura da sentença orienta a forma que a simulação deve acontecer, embora ela não dê o sentido completo dela. Dito com outras palavras, isolando-se frases ou palavras, conseguimos obter seu grau de simulação até certo ponto, já que tal processo envolve necessariamente o contexto situacional, responsável por fornecer dados que não estão na determinada sentença, e que, por isso, orientam melhor a simulação, além disso, os processos inferenciais também enriquecem a simulação (BERGEN; CHANG, 2005).

Temos também o objetivo de verificar em que medida a simulação mental se torna mais detalhada em função das pistas linguísticas fornecidas pelas

palavras e pelos padrões gramaticais identificados durante a leitura. As demais seções deste artigo visam a discutir os seguintes temas: as propriedades de esquemas e *frames*, a descrição dos dados, a discussão e o procedimento de análise dos resultados, com destaque ao modelo de Análise Construcional e Resolução Contextual, aplicando-o na análise das projeções metafóricas de movimentos físicos combinados a contêineres.

Metáfora

Assumimos os pressupostos da Teoria Conceptual da metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 1980) e da Teoria Neural da Metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Os autores se contrapõem à visão tradicional de metáfora ao argumentar que ela não é uma questão que diz respeito apenas à linguagem extraordinária. Mais do que isso, ela é essencial para o pensamento e para a ação, tendo grande importância para nossas vidas, pois o nosso sistema conceptual é inerentemente de natureza metafórica.

Ainda de acordo com os autores, nosso sistema conceptual não é fruto somente do intelecto. Ele guia desde nosso funcionamento diário até detalhes mais triviais. Conceitos estruturam o mundo à nossa volta, o que percebemos e como nos relacionamos com ele. Desta forma, os conceitos desempenham um papel central na definição de nossa realidade cotidiana. A maneira pela qual pensamos, o que experienciamos e o que fazemos na vida cotidiana é, dentre outros fatores, uma questão de metáfora.

A experiência é essencial para a construção e a estruturação do nosso sistema conceptual, porquanto as metáforas estão fundamentadas na constante interação humana com seus entornos físico e cultural. A própria forma como estruturamos metaforicamente nossa vida (partes, estágios, propósitos) emergem da nossa atividade no mundo. “O tipo de sistema conceitual que nós temos é um produto do tipo de seres que nós somos e da maneira pela qual interagimos com os nossos ambientes físico e cultural”¹ (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 120).

¹The kind of conceptual system we have is a product of the kind of beings we are and the way we interact with our physical and cultural environments. (Tradução nossa).

Conceitos não são entidades mentais internas que representam realidades externas, mas sim modelos de ativação neural ativados pelo sistema sensório-motor. Portanto, o pensamento, constituído de conceitos e metáforas, é compreendido a partir de uma perspectiva neural, que considera a relação entre mente, corpo e ambiente (JOHNSON, 2007). Dessa forma, o sistema conceptual e, por sua vez, metafórico, é essencialmente corporificado (GIBBS, 2007), isto é, a mente é estruturada pelas experiências corporais, e são essas que fundamentam projeções metafóricas como “TEMPO É DINHEIRO”, “PARA CIMA É BOM” e “PARA BAIXO É RUIM”, por exemplo.

Segundo Grady (1997) e Lakoff (1993), as metáforas possibilitam a emulação de um conceito em termos de outro, através de um mapeamento entre alguns aspectos de um domínio fonte (mais imagético) e um domínio alvo (menos imagético, mais abstrato). Essa relação, entretanto, é parcial, dado que não são todos os elementos dos domínios que são relacionados. Apenas alguns destes são realçados, enquanto outros ficam subjacentes.

Embora partes do nosso sistema conceptual e, portanto, da nossa linguagem, sejam estruturados por características do nosso corpo e por funcionalidades deste na vida cotidiana, nem todos os conceitos e metáforas têm esta origem, como salienta Goshler (2005). Segundo a autora, muitas metáforas têm o corpo como domínio alvo, além de que muitas metáforas têm uma origem mais cultural do que corporal, propriamente dita.

Frames

Na visão clássica, os conceitos existem por eles mesmos, objetivamente, sendo caracterizados somente por suas relações com estados de coisas do mundo real, ou mundos possíveis; logo, dissociados e independentes de qualquer forma estruturada imaginativamente de conceber um domínio da experiência humana. Não obstante, estudos empíricos mostraram ao contrário, que a maioria desses conceitos só são definidos e interpretados quando inseridos numa rede de *frames* conceituais, dependente das mais variadas formas de experiências nas dadas culturas. (JOHNSON, 1987).

O processo de construção de sentido só se dá na sua totalidade por causa dos *frames*, que são estruturas cognitivas capazes de organizar os conceitos e as ideias que abstraímos do mundo. Tais estruturas são construídas quando a elas são integradas novas informações, mediante a interação com o mundo ao nosso redor e com o discurso. Quem explicita melhor essa questão do discurso é Fillmore (1982), que entende o *frame* como um sistema de categorias que se estrutura de acordo com algum contexto motivador. Ele explica que algumas palavras existem a fim de fornecer acesso ao conhecimento de tais *frames* aos participantes no processo comunicativo.

Dentro desta perspectiva, o conceito de *frame* não depende necessariamente da linguagem, mas sim de como ela é aplicada ao processamento de dados da seguinte forma: determinados *frames* estão associados, na nossa mente, com determinadas palavras; e a depender da escolha linguística ou de certas formas de discurso em um contexto apropriado, *frames* particulares podem ser ativados. (FILLMORE, 1976).

Frames e esquemas, ao longo da vida, vão sendo armazenados na nossa memória de longo prazo, na forma de “scripts”, ou guias, para lidarmos com a vida e a compreendermos como um todo. É importante ressaltar que *frames* podem ser corporificados, ou seja, se nós não tivéssemos o corpo da forma que possuímos, teríamos dificuldade em entender *frames*, ou projeções metafóricas, que envolvam, por exemplo, ALTO/BAIXO, FRENTE/COSTAS e DIREITA/ESQUERDA (FILLMORE, 1975).

Esquemas

Os esquemas são estruturas cognitivas ou representações mentais dinâmicas, isto é, não fixas, que organizam nosso pensamento, por meio de modelos corporificados de experiências organizadas significativamente (JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987). Nesse sentido, a cognição não é função exclusiva do cérebro, pois algumas estruturas cognitivas são corporificadas, ou seja, emergem a partir de suas atuações no nível das nossas interações perceptuais, do nosso movimento percorrendo um espaço e da manipulação física de objetos.

Em síntese, os esquemas constituem a maneira como a memória de um indivíduo se organiza em relação às experiências corpóreas. Eles têm como base a configuração dos nossos corpos e sua relação com o ambiente, como por exemplo: a direção (esquerda, direita, frente e trás), a distância (centro/periferia), a velocidade dos objetos percorrendo trajetórias, dentre outros (DUQUE; COSTA; 2012). Esses esquemas imagéticos, isto é, que são mais próximos das experiências sensório-motoras, são os primeiros a surgir, o que explica o fato de eles estarem na base da linguagem humana (DUQUE, 2014).

Conforme Duque (2015a), os esquemas são um tipo de *frame*. A diferença é que o *frame* envolve conceitos mais do âmbito sociocultural, portanto, são conceitos mais abstratos e complexos, porquanto estão mais distantes das experiências sensório-motoras. Já os esquemas são menos complexos, pois envolvem relações espaciais simples, as quais emergem na interação com o ambiente, tendo caráter mais concreto.

O esquema TRAJETÓRIA² provém da nossa experiência com objetos se movendo de um ponto a outro, enquanto o esquema CONTÊINER advém das nossas vivências com recipientes: se pensarmos no corpo, por exemplo, temos órgãos e substâncias dentro; esse corpo está dentro de outro recipiente (um quarto, por exemplo). Embora esta relação seja espacial, ela pode ser metaforizada para uma relação temporal e não física.

Método de pesquisa

Elaboramos e categorizamos o *corpus* a partir de textos extraídos de sites e blogs da internet, selecionados por meio da ferramenta de busca Google. Na barra de busca, foram digitadas expressões metafóricas de espaço e de movimento, levantadas por meio de pesquisa bibliográfica. O *corpus* é constituído por 20 sentenças.

Tomando esse recorte como ponto de partida, realizamos a categorização refinada dos dados, mediante a identificação dos esquemas envolvidos nas construções. De acordo com o procedimento de análise, a partir dos enunciados

² Neste trabalho, quando nos referirmos a um esquema, ele será escrito em MAIÚSCULA, enquanto seus papéis, em *itálico*.

coletados, procedemos à identificação dos esquemas (e sua combinação) relacionados às pistas linguísticas levantadas (expressões de espaço e movimento). Essa etapa foi realizada seguindo-se o modelo de Análise Construcional e Resolução Contextual.

Bergen e Chang (2013) explicam que a Análise Construcional consiste na identificação de quais construções são instanciadas por um enunciado e como elas se relacionam, identificando quais esquemas de significado (Esquemas-I) são evocados e como estes são combinados, redundando num *frame* complexo. Já a Resolução Contextual consiste no mapeamento dos componentes semânticos (papéis) fornecidos pelo contexto situacional. Com isso, identificamos as especificações semânticas resolvidas. Em posse destas especificações, procedemos à análise das inferências.

É necessário lembrar que o foco principal da nossa análise recaiu sobre as orações isolando-as de seus contextos; entretanto, foi necessário recorrer a eles, isto é, ao texto por completo, uma vez que desejamos detalhar a simulação mental, e este processo só pode ser realizado ao analisarmos o contexto situacional, pois ele fornece mais detalhes no processo da Resolução Contextual.

Os papéis entre os esquemas que se conectaram, isto é, que tiveram o mesmo correspondente preenchido pelo contexto, foram realçados com a mesma cor (amarelo, verde e azul). Entretanto, nós destacamos o *portal* do CONTÊINER e o *caminho* da TRAJETÓRIA com a cor cinza, pois há uma relação entre eles, todavia tal relação não é idêntica, como acontece com os outros elementos destacados.

O *corpus* foi analisado. Os resultados serão expostos mais adiante. Serão dados como exemplos 5 mapeamentos metafóricos. A pesquisa tem caráter indutivo científico, isto é, a partir de um pequeno número de amostras, levantaremos hipóteses e propriedades comuns aos exemplos analisados. (LAKATOS, 2010).

Mapeamento das projeções metafóricas de espaço e movimentos físicos

Partindo do pressuposto de que pistas linguísticas funcionam como indexadores de sentido, isto é, ativam *frames* e esquemas, verbos de movimento acionam o esquema TRAJETÓRIA enquanto preposições locativas de espaço acionam o esquema CONTÊINER (LAKOFF, 1987; LANGACKER, 2008; BERGEN; CHANG, 2005), portanto, esses dois esquemas são o escopo desta pesquisa.

A seguir, apresentaremos a descrição/definição de cada um dos componentes dos esquemas, para que se possa melhor acompanhar a discussão.

CONTÊINER

- *exterior*: região externa, isto é, o lado de fora.
- *interior*: região interna, isto é, o lado de dentro.
- *portal*: região de entrada.
- *limites*: regiões que delimitam o *exterior* do *interior*.

TRAJETÓRIA

- ↔ *origem*: ponto que marca o início da TRAJETÓRIA.
- ↔ *caminho*: distância entre a *origem* e a *meta*.
- ↔ *meta*: ponto que marca o final da TRAJETÓRIA.
- ↔ *trajetor*: entidade que percorre a TRAJETÓRIA.
- ↔ *marco*: ponto o qual se deseja alcançar.

Houve dificuldade em se determinar o *portal* e os *limites* do CONTÊINER, assim como o *caminho* da TRAJETÓRIA, isso porque na maioria das ocorrências, tais componentes não eram identificáveis tomando-se como escopo as orações isoladas. Dessa forma, foi necessário recorrer ao contexto no qual as ocorrências estavam inseridas. Dos 20 exemplos, 4 casos não tiveram os *portais* identificados, 15 não tiveram os *limites* identificados e 9 não tiveram o *caminho* identificado.

Mesmo analisando o contexto, algumas vezes não conseguimos identificar alguns desses 3 papéis, conforme os exemplos (4), (5), (6) e (8). Além disso, percebemos que quanto mais informação o texto possuía, mais fácil era

identificar os papéis. Quando a informação não estava explícita no texto, em alguns casos nós as preenchemos por meio de inferências (*default*).

No exemplo (4), conforme descrito no Quadro 1, nenhum dos 3 papéis foi identificado. Acreditamos que essa dificuldade tenha ocorrido devido às próprias características de TRAJETÓRIAS e CONTÊINERES. Dito de maneira mais clara, a forma com a qual lidamos com esses esquemas tem influência na maneira pela qual eles são ativados pela linguagem (JOHNSON, 1987). Além disso, como já mencionamos, as projeções metafóricas acontecem somente entre alguns domínios, enquanto outros ficam escondidos.

(4) Eu entrei em Depressão³.

Quadro 1 – Análise Construcional e Resolução Contextual de CONTÊINER É DEPRESSÃO e TRAJETÓRIA É ENTRAR EM DEPRESSÃO.

CONTÊINER	DEPRESSÃO
<i>exterior</i>	Fora da depressão
<i>interior</i>	Dentro da depressão
<i>portal</i>	
<i>limites</i>	
TRAJETÓRIA	ENTRAR EM DEPRESSÃO
<i>origem</i>	Fora da depressão
<i>caminho</i>	
<i>meta</i>	Dentro da depressão
<i>trajetor</i>	Eu
<i>marco</i>	Depressão

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme os exemplos analisados, no processo de projeção metafórica, geralmente, o *portal* e os *limites* do CONTÊINER, assim como o *caminho* da TRAJETÓRIA não são emulados porque a pista linguística não possibilita isso. Verificamos que TRAJETÓRIAS ativam inferencialmente um *trajetor*, uma *origem* e uma *meta* (em que um dos dois é o *marco*); e o CONTÊINER ativa automaticamente um *interior* e um *exterior*.

Levantamos a hipótese de que, ao pensar nesses dois esquemas, nos parece que os componentes mencionados acima emergem primeiro do que os outros (*portal*, *limites* e *caminho*). Dessa forma, aqueles são mais salientes, por

³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Eu-entrei-emDepress%C3%A3o/57397422987123>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

este motivo, são eles que “sustentam” as projeções metafóricas. Destarte, há uma motivação cognitiva, baseada nas nossas relações com trajetórias e recipientes, que faz com que elejamos os componentes mencionados como “principais”, a ponto de projetarmos essa configuração conceptual em metáforas.

O *interior* e o *exterior* do CONTÊINER

Devemos salientar que, conforme pode ser visto nos quadros, também tivemos dificuldade para preencher o *interior* e o *exterior* do CONTÊINER, entretanto esta dificuldade foi menor do que quando comparada com a dificuldade em perfilar o *portal* e os *limites*. Algumas vezes não preenchemos o *conteúdo* do *interior* e/ou do *exterior* do CONTÊINER, colocando apenas “dentro” e/ou “fora” do respectivo CONTÊINER. Isso acontece porque nos parece que preencher esses papéis é sobretudo subjetivo. Entretanto em outros casos, como em (5), Quadro 2, o perfilamento desses papéis (*interior* e *exterior*) não nos pareceu tão subjetivo assim, pelo menos, dos 5 exemplos analisados, é o mais concreto.

Ao analisar o *exterior* da metáfora em (5), por exemplo, percebemos que o que estaria fora do 3º LUGAR seria a posição dos outros times, ou seja, simulamos a cena imaginando uma tabela que contém todas as posições dos times. Essa tabela estaria, ainda, “dentro” da taça GB, que neste caso perdeu seu sentido denotativo (a taça) para conotar todo o evento esportivo para se chegar à conquista da taça GB, ou seja, a projeção metafórica acontece, nesse sentido, pela emulação de um CONTÊINER que está dentro de outros dois CONTÊINERES.

(5) Vasco subiu para o 3º lugar na Taça GB após vitória em jogo atrasado⁴.

Quadro 2 - Análise Construcional e Resolução Contextual de CONTÊINER É 3º LUGAR e TRAJETÓRIA É SUBIR PARA O 3º LUGAR

CONTÊINER	3º LUGAR
<i>exterior</i>	A tabela, que está na taça GB

⁴Disponível em: <<http://www.netvasco.com.br/n/159257/juniores-vasco-subiu-para-o-3-lugar-na-taca-gb-apos-vitoria-em-jogo-atrasado-veja-classificacao>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

<i>interior</i>	Dentro do 3º lugar (time até então ocupante da posição)
<i>portal</i>	Vitória sobre o Tigres
<i>limites</i>	
TRAJETÓRIA	SUBIR PARA O 3º LUGAR
<i>origem</i>	Fora do 3º lugar (Na taça GB)
<i>caminho</i>	Disputa contra o Tigres
<i>meta</i>	Dentro do 3º lugar
<i>trajetor</i>	Vasco
<i>marco</i>	3º lugar

Fonte: Dados da pesquisa.

O *conteúdo* do *exterior* do CONTÊINER não é facilmente inferível como contêineres físicos. No exemplo anterior, conseguimos identificá-lo mais precisamente porque o CONTÊINER é uma posição que está dentro de uma tabela, ou seja, podemos visualizar mentalmente uma tabela, entretanto não conseguimos imaginar com precisão CONTÊINERES como uma depressão (4), Quadro 1, ou uma erupção (8), Quadro 5, uma vez que seus *conteúdos* são menos imagéticos.

Tanto o *interior* quanto o *exterior*, em alguns casos, desdobram-se num certo grau de divagação. Por exemplo, em (7), “Como Michael Jordan entrou na lista de bilionários da Forbes”, não podemos definir com acurácia o *exterior* da LISTA DE BILIONÁRIOS. Poderíamos pensar em uma LISTA DE NÃO BILIONÁRIOS na qual Michael Jordan estivesse incluso? Ou seria mais correto definir o *exterior* da LISTA como representação gráfica, ou seja, uma lista publicada na Revista Forbes?

Em relação ao *interior* do CONTÊINER, em quase todos os casos conseguimos imaginar o que provavelmente seria seu *conteúdo*. Em alguns exemplos, o *conteúdo* do *interior* é óbvio, como em (7): Como Michael Jordan entrou na lista de bilionários da Forbes, no qual os nomes dos bilionários estão no *interior* da LISTA DE BILIONÁRIOS, e a entrada do *trajetor* é simulada como se de fato Michael Jordan entrasse na lista. Já em (8) “Pucón: vulcão Villarrica entrou em erupção; população evacuada já voltou para casa”, não conseguimos definir precisamente o *interior* da ERUPÇÃO, pois tal CONTÊINER não existe *a priori*, isto é, ele é criado na hora em que o vulcão entra em erupção. Esse “entrar”, no entanto, não é, de fato, uma entrada espacial como em (5) e (7), mas é a entrada em um estado.

Outros exemplos nos quais podemos ver a natureza subjetiva do *interior* e do *exterior* do CONTÊINER são “há 35 anos, a luta popular entrou em cena”⁵, “como agir no mercado que entrou em crise”⁶, e “depósito não entrou na conta”⁷. Não conseguimos perfilar precisamente o *interior* e o *exterior* em tais ocorrências porque a metáfora chega a um nível de abstração tão grande que as propriedades do CONTÊINER já não comportam com satisfação a emulação.

Em (4), “Eu entrei em Depressão”, e (8), “Pucón: vulcão Villarrica entrou em erupção”, a projeção torna-se mais abstrata, pois os esquemas CONTÊINER e TRAJETÓRIA, assim como seus respectivos papéis, adquirem um maior grau de abstração (em cotejo com [5], “Vasco subiu para o 3º lugar na Taça GB”, e [7], “Como Michael Jordan entrou na lista de bilionários da Forbes”), o que dificulta preencher seus respectivos papéis.

Definir os *limites* do CONTÊINER também está ligado à concretude das metáforas. Por exemplo, em (7), conseguimos identificar o *limite* superior do CONTÊINER, que corresponde ao nome de Bill Gates, pois ele está no topo da lista, no caso, seria o *limite* superior interno (que também corresponde ao *interior* do CONTÊINER). Também poder-se-ia pensar nos *limites* como as próprias extremidades da representação gráfica de uma tabela (linhas e colunas). Essa “facilidade”, em relação aos exemplos (4) e (8), vai ao encontro de (5), ou seja, tanto em (5) quanto em (7), estamos falando sobre CONTÊINERES (lista/tabela) que são mais concretos dos que os de (4) e (8), (erupção e vulcão, respectivamente). Parece que quanto mais o CONTÊINER do domínio-alvo é concreto, mais fácil é perfilar seus papéis. Devido a esse certo grau de divagação em definir com exatidão os componentes dos esquemas imagéticos, em alguns casos, optamos por não perfilá-los.

Voltando a discorrer mais precisamente sobre os componentes *portal* e *limites* do CONTÊINER e *caminho* da TRAJETÓRIA, esses papéis parecem vir em segundo plano ao pensar nesses esquemas. Por esse motivo, acreditamos que nem sempre eles fazem parte dos mapeamentos metafóricos; tais

⁵Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/pt-ha-35-anos-a-luta-popular-entrou-em-cena-727.html>. Acesso em: 25 fev. 2017.

⁶Disponível em: <http://www.bizrevolution.com.br/bizrevolution/2015/03/como-agir-no-mercado-que-entrou-em-crise-.html>. Acesso em: 25 fev. 2017.

⁷Disponível em: <http://www.reclameaqui.com.br/12024223/banco-do-brasil-s-a/deposito-nao-entrou-na-conta/>. Acesso em: 25 fev. 2017.

componentes ficam subjacentes neste processo. Mesmo em alguns casos em que poderíamos tentar identificá-los, não ficou claro se, de fato, o preenchimento do papel era pertinente. Nos exemplos (4), (5), (6) e (8) deixamos alguns desses componentes vazios, pois, de fato, pareceu uma tarefa muito abstrata, tortuosa, puramente interpretativa, inconclusa e ineficiente.

Acreditamos que isso está relacionado ao grau de abstração que esses esquemas sofrem. Se pensarmos, por exemplo, em contêineres físicos como CASA e BAÚ, imaginar seus *limites* e *portais* é fácil, entretanto se transpusermos esse pensamento para contêineres não físicos (metafóricos), como nos exemplos analisados, o processo torna-se mais complicado. A partir disso, acreditamos que o *portal* e os *limites* sejam os elementos mais concretos do CONTÊINER, por este motivo são mais difíceis de serem metaforizados, enquanto que o *interior* e o *exterior* são, de certa forma, componentes “mais abstratos”, o que facilita a projeção.

Cotejando o *portal* com os *limites*, notamos que esses últimos são ainda mais difíceis de serem metaforizados, conforme descrito anteriormente. Isso nos permite pensar, sob esta perspectiva, que os *limites* são ainda mais concretos que o *portal*, por isso o *portal* torna-se um componente “mais metaforizável”. Assumindo que nosso pensamento tem como subjacência as experiências mais básicas, os limites dos recipientes que temos no mundo sempre possuem extremidades (concretude), enquanto que o portal pode ser algo mais ou menos concreto (o portal pode ser, por exemplo, somente uma abertura ou uma fresta).

Como afirmáramos antes, o *interior* e o *exterior* do CONTÊINER são papéis “mais abstratos” (em comparação com o *portal* e os *limites*), e preenchê-los, pelo contexto, ou pelas inferências, é mais fácil do que os outros componentes, esse “mais fácil”, entretanto, abre um leque de possibilidades. Conforme discutido antes, acreditamos que quanto mais abstrato o CONTÊINER, mais subjetivo e vago torna-se o perfilamento de seus papéis.

De forma geral, podemos afirmar que, dependendo da natureza metafórica, definir precisamente os componentes dos esquemas é algo que nos parece bastante vago e inconcluso. Estamos inclinados a acreditar que quanto mais abstratas forem as projeções, mais difícil é preencher seus componentes;

e, quanto mais esses papéis forem concretos (*portal* e *limites*), mais difícil é de preenchê-los.

Visto que, na maioria dos exemplos, identificamos o *interior* e o *exterior* do CONTÊINER (embora não tenhamos descrito seu *conteúdo*, pelos motivos já apresentados), concluímos que são esses componentes que caracterizam um recipiente. Dito com outras palavras, um CONTÊINER metafórico só existe porque há um *interior* e um *exterior*, tais componentes são, portanto, essenciais para qualquer CONTÊINER, enquanto que o *portal* e os *limites* são, digamos, componentes “adicionais”.

O motivo que explica as conclusões supracitadas pode ser encontrado quando voltamos os olhos para o que o origina, isto é, para a formação do sistema conceptual. Para trazer respostas que expliquem os fenômenos linguísticos discutidos nas análises, utilizaremos os pressupostos de Mandler e Cánovas (2014). Os autores fizeram um trabalho de revisão de literatura, investigando a respeito do que foi descoberto, até a data de sua publicação, sobre a formação de esquemas imagéticos em bebês.

Os autores defendem a seguinte hipótese: a razão pela qual algumas propriedades dos esquemas tornam-se mais salientes do que outras, é porque bebês, em fase inicial de conceptualização, prestam mais atenção em determinadas propriedades de movimentos de oclusão e contenção. Por alguma razão, esses eventos são percebidos de forma mais saliente pelos bebês, o que faz com que eles, mesmo antes dos 6 meses, construam esquemas com base nessas relações espaciais com o ambiente.

Os autores argumentam que os bebês conceptualizam primeiramente o *interior* e o *exterior*, pois são essas as propriedades que mais importam para eles. Não há evidências empíricas de que o CONTÊINER (uma estrutura composta por *portal*, *limites*, *interior* e *exterior*, delimitada espacialmente) seja conceptualizado num primeiro momento e todo de uma vez só, conforme é pensado tradicionalmente.

Desse modo, o fato de compreendermos DEPRESSÃO como um CONTÊINER revela que somente os atributos de *interior* e *exterior* são o suficiente para que nós construamos o esquema CONTÊINER, sem a necessidade do *portal* e dos *limites*, que só passam a ser percebidos e

conceptualizados depois dos 6 meses, de forma gradativa. Isso faz que com que possamos formular, sem estranheza, metáforas com CONTÊINERES que não possuem todos os papéis.

Os papéis do CONTÊINER e *caminho* da TRAJETÓRIA

Em relação à TRAJETÓRIA, o motivo que leva o *caminho* da TRAJETÓRIA a nem sempre ser emulado nas projeções metafóricas é que ele é um componente menos essencial a este esquema, pois, na nossa vida cotidiana, por exemplo, nos interessa, num primeiro momento, de onde e para onde uma pessoa se locomoveu. O caminho que ela tomou, geralmente, não nos interessa, ou, ao menos, ele vem em segundo plano.

Assim como o *caminho* da TRAJETÓRIA, o *portal* e os *limites* de CONTÊINERES metafóricos são estruturados de acordo com nossa vida cotidiana, pois normalmente esses 2 últimos papéis têm menos importância do que o *interior* de recipientes. Podemos considerar o fato de que muitos recipientes não possuem portal de nenhuma espécie.

Considerando que todo recipiente tem um interior e que ao nos depararmos com eles, o que mais chama a atenção é normalmente o conteúdo interno, o *interior* parece ser o seu componente mais importante, por isso, sendo o componente principal de um contêiner real, ele torna-se o papel básico e principal de CONTÊINERES metafóricos, daí deriva o fato de termos perfilado esse componente “mais facilmente” do que os outros papéis deste esquema.

Portanto, concluímos, ao menos através dos exemplos analisados, que nossas experiências com CONTÊINERES estruturam as metáforas que o envolvem, definindo que o *interior* é o papel mais saliente, enquanto nossas experiências com TRAJETÓRIAS definem que a *origem* e a *meta* são componentes mais salientes que o *caminho*, o que nos parece indicar que nosso sistema conceptual é, de fato, governado pelas nossas experiências corporificadas.

Vale salientar que não estamos generalizando essa hipótese, afinal, o *corpus* analisado foi pequeno. Como perspectivas futuras, poder-se-iam coletar mais dados a fim de sustentar a conclusão supracitada.

Voltaremos a discutir que, embora o *interior* do CONTÊINER seja um componente “essencial” da metáfora, ainda é difícil preencher o que há dentro dele, conforme (4) e (8), pois a metáfora chegou a um grau de abstração tão grande que o verbo *entrar* perdeu seu sentido de trajetória propriamente dito.

Por exemplo, em (8) o verbo “entrar” passou a designar a “entrada” em um estado (ENTRAR EM ERUPÇÃO), o que implica dizer que não havia CONTÊINER antes de o *trajetor*, de fato, “entrar” nele, fazendo com que, pelo menos é o que acreditamos, a simulação mental seja executada um pouco diferente dos exemplos [5], “Vasco subiu para o 3º lugar na Taça GB”, e [7], “Como Michael Jordan entrou na lista de bilionários da Forbes” nos quais houve uma trajetória no sentido mais real da palavra.

Concluimos parcialmente esta discussão afirmando que, com base no que analisamos, nos parece que quanto mais as metáforas vão tornando-se abstratas, ou seja, distanciando-se dos esquemas que lhe deram origem, mais elas vão perdendo suas propriedades, a ponto de não conseguirmos emular alguns de seus papéis, geralmente aqueles que são mais concretos, na linguagem.

Trazendo esses dados mais próximos da linguagem, podemos concluir que, embora saibamos que todo CONTÊINER tenha um *portal* e seus *limites* e que toda TRAJETÓRIA tenha um *caminho*, no processo de emulação metafórica, esses elementos não são necessários para o entendimento da oração, eles são apenas um “acréscimo” à informação dada, disso decorre a maior dificuldade em preencher tais componentes.

Corroboramos para o que nós estamos afirmando o fato de termos recorrido ao contexto com pouca frequência para preencher, realizando algumas inferências, os papéis *exterior* e *interior* do CONTÊINER e *origem*, *meta*, *trajetor* e *marco* da TRAJETÓRIA. Enquanto que, para o preenchimento dos papéis do *portal* e *limites* do CONTÊINER e do *caminho* da TRAJETÓRIA, foi necessário recorrer com maior frequência ao contexto, o que nos permite concluir, como já afirmamos, que esses três componentes são menos importantes no processo da emulação, às vezes até desnecessários, como em (4).

Mandler e Cánovas (2014) trazem contribuições importantes ao entendimento desse fenômeno. Os autores explicam que bebês, inicialmente,

somente conceptualizam a *meta* da TRAJETÓRIA, ou seja, somente o fim do caminho. Destarte, bebês não conceptualizam a *origem*, muito menos o *caminho*, pois esses atributos não são necessários para a compreensão de que coisas se movem para alcançar um objetivo. Isso dá indícios do porquê de conseguirmos utilizar, sem estranheza, metáforas nas quais a TRAJETÓRIA não possui todos os papéis, assim como o fato de termos preenchido com mais facilidade a *meta* do que a *origem*, e esta, por sua vez, com mais facilidade do que o *caminho*.

Embora tenhamos afirmado que a pesquisa supracitada tenha apresentado evidências que explicam o fato de conseguirmos conceptualizar trajetórias metafóricas que não contêm todos os componentes, assim como o fato de a *meta* ter sido preenchida mais facilmente do que a *origem* e, principalmente, do que o *caminho*, são necessárias mais pesquisas que comprovem essa relação, uma vez que o mencionado trabalho foi realizado tomando como base a conceptualização somente de bebês.

A oração (4), “eu entrei em Depressão”, foi encontrada sem contexto. Apenas analisando a frase, podemos perceber que uma pessoa entrou em um estado de depressão. Não é necessário entender o porquê disso (que corresponde ao *portal* do CONTÊINER e ao *caminho* da TRAJETÓRIA), embora saibamos que quando o contexto fornece tais informações, o sentido da oração é entendido mais plenamente.

Também foi possível perceber que o *caminho* da TRAJETÓRIA é o meio ou a causa pela qual o *trajetor* “atravessa” para chegar ao *portal* do CONTÊINER. Ao analisar o exemplo (5), “Vasco subiu para o 3º lugar na Taça GB após vitória em jogo atrasado”, nota-se que o *caminho* que o Vasco passa para subir para o 3º lugar, na Taça GB, é a disputa contra o time adversário. No último minuto de jogo, ao vencer, o Vasco atravessa o *portal* chute rasteiro, visto que foi ele que deu origem ao gol e, por conseguinte, a vitória, assim, entrando no 3º LUGAR.

(6) Gol em clássico sai de jogada manjada no repertório de Leandro Damiano⁸.

Quadro 3: Análise Construcional e Resolução Contextual de CONTÊINER É JOGADA MANJADA e TRAJETÓRIA É SAÍDA DO GOL DE JOGADA MANJADA

CONTÊINER	JOGADA MANJADA
<i>exterior</i>	Fora da jogada (o repertório de Leandro Damiano)
<i>interior</i>	Dentro da jogada manjada (Domínio da bola, giro e chute rasteiro)
<i>portal</i>	Chute rasteiro
<i>limites</i>	
TRAJETÓRIA	SAÍDA DO GOL DE JOGADA MANJADA
<i>origem</i>	Dentro da jogada manjada
<i>caminho</i>	Domínio da bola, giro e chute rasteiro
<i>meta</i>	Fora da jogada manjada (o repertório de Leandro Damiano)
<i>trajetor</i>	Gol
<i>marco</i>	Jogada manjada

Fonte: Dados da pesquisa.

No exemplo (6), Quadro 3, também notamos, de certa forma, uma relação entre o *interior* do CONTÊINER e o *caminho* da TRAJETÓRIA (por isso também o destacamos de azul). Não estamos afirmando que o *interior* da JOGADA MANJADA é o *caminho* que o gol passa para sair da JOGADA, mas sim que, para o *trajetor* (gol) sair do CONTÊINER, ele deve atravessar o *caminho dentro* da JOGADA. *Dentro* dela têm os seguintes elementos, conforme descrito no contexto: domínio da bola, giro e chute rasteiro.

Ao passo que afirmamos que o *caminho* da TRAJETÓRIA é o meio que possibilita o *trajetor* sair de dentro do CONTÊINER, o domínio da bola, o giro e o chute rasteiro (que são elementos *dentro* da JOGADA), também podem ser considerados como parte do *caminho* da TRAJETÓRIA, pois foi por meio deles que o gol saiu da JOGADA. Esse “sair”, entretanto, é construído subjetivamente, pois, com efeito, o gol não sai objetivamente da cena simulada, isto é, de “*dentro*” da JOGADA.

Ainda sobre (6), o *portal* do CONTÊINER também foi destacado de azul porque está relacionado aos outros papéis também ressaltados com a mesma

⁸Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2015/03/gol-em-classico-sai-de-jogada-manjada-no-repertorio-de-leandro-damiao.html>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

cor. Interpretamos que o *caminho* da TRAJETÓRIA esteja relacionado ao *portal* do CONTÊINER (assim como em (5)). Neste caso específico, o *gol* percorre um *caminho* que segue uma lógica espaço-temporal: primeiramente ele passa pelo domínio da bola, depois pelo giro, e finalmente chega ao *portal* chute rasteiro (pois é a última parte do *caminho*), então o *gol* termina sua trajetória saindo de *dentro* da JOGADA. Desta forma, podemos observar, neste exemplo, que a relação entre TRAJETÓRIA e CONTÊINER é deveras complexa, uma vez que os componentes de ambos estão conectados através de uma lógica interna, o que faz com que a trajetória SAÍDA DO GOL DE JOGADA MANJADA ative um *frame* bastante complexo.

Interessante observar como aspectos cognitivos básicos, relacionados ao deslocamento, à relação do indivíduo com recipientes e à percepção visual são responsáveis pelos processos cognitivos de alto nível (BARSALOU, 1999; WHEELER; PETERSEN; BUCKNER, 2000; DUQUE, 2015b), produzindo sentenças como essas que analisamos, que são estruturadas por meio de mapeamentos metafóricos e conexões complexas entre os esquemas para a construção do sentido.

Em (7), Quadro 4, observamos uma lógica semelhante ao caso anterior analisado, em relação ao *portal* e ao *caminho*. Neste caso, acreditamos que o *portal* seja a parte mais relevante do *caminho*, aquilo que leva de vez o *trajetor* a entrar no CONTÊINER. Conforme descrito no quadro abaixo, o *caminho* do CONTÊINER é composto pelas fontes de renda acumuladas pelo *trajetor* (Michael Jordan). Gradativamente essas fontes o têm levado para perto da LISTA DE BILIONÁRIOS, mas, dentre elas, a que mais contribui para deixá-lo bilionário e entrar no CONTÊINER, foi a relacionada aos pagamentos da Nike.

(7) Como Michael Jordan entrou na lista de bilionários da Forbes⁹.

Quadro 4 – Análise Construcional e Resolução Contextual de CONTÊINER É LISTA DE BILIONÁRIOS e TRAJETÓRIA É ENTRAR NA LISTA DE BILIONÁRIOS

CONTÊINER	LISTA DE BILIONÁRIOS
<i>exterior</i>	Fora da lista de bilionários
<i>interior</i>	Dentro da lista de bilionários (o nome dos milionários)

⁹Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/negocios/michael-jordan-estreia-na-lista-dos-bilionarios-da-forbes/>>. Acesso em: 27 jan. 2017.



<i>portal</i>	Pagamentos da Nike
<i>limites</i>	Bill Gates (limite superior interno)
TRAJETÓRIA	ENTRAR NA LISTA DE BILIONÁRIOS
<i>origem</i>	Fora da lista de bilionários
<i>caminho</i>	Fontes de renda ligadas ao esporte
<i>meta</i>	Dentro da lista de bilionários
<i>trajetor</i>	Michael Jordan
<i>marco</i>	Lista de bilionários

Fonte: Dados da pesquisa

O *portal* do CONTÊINER, conforme o exemplo (8), Quadro 5, também se comporta como a “última parte” do *caminho*, dado que a intensificação da atividade vulcaniana é o *caminho* da TRAJETÓRIA porque é o motivo pelo qual o vulcão entra em ERUPÇÃO. O seu *portal* é a expulsão do gás, pois ela é último acontecimento do *caminho*, sendo a última etapa do processo, a “gota d’água” para que o *trajetor* entre no CONTÊINER.

(8) Pucón: vulcão Villarrica entrou em erupção; população evacuada já voltou para casa¹⁰.

Quadro 5 – Análise Construcional e Resolução Contextual de CONTÊINER É ERUPÇÃO e TRAJETÓRIA É ENTRAR EM ERUPÇÃO

CONTÊINER	ERUPÇÃO
<i>exterior</i>	Fora da erupção (estado de não erupção)
<i>interior</i>	Dentro da erupção
<i>portal</i>	Expulsão do gás
<i>limites</i>	
TRAJETÓRIA	ENTRAR EM ERUPÇÃO
<i>origem</i>	Fora da erupção
<i>caminho</i>	Intensificação da atividade da vulcaniana
<i>meta</i>	Dentro da erupção
<i>trajetor</i>	O vulcão
<i>marco</i>	A erupção

Fonte: Dados da pesquisa.

Com base nessas análises, verificamos que metáforas envolvendo CONTÊINER e TRAJETÓRIA podem focalizar diferentes papéis, de modo que alguns são mais salientes do que outros. Isso nos leva a refletir se, de fato, a

¹⁰Disponível em: <<http://www.viajenaviagem.com/2015/03/pucon-vulcao-villarrica-entrou-em-erupcao-populacao-evacuada-ja-voltou-para-casa>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

categorização clássica desses esquemas (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987) é condizente com o que, com efeito, é conceptualizado pelo ser humano.

Mandler e Cánovas (2014) propõem uma definição de esquemas que nos parece mais condizente em relação a esse aspecto, haja vista que os autores defendem (e também pudemos perceber em nossas análises) que os esquemas não constituem categorias discretas nem com limites rigidamente definidos, já que verificamos que algumas propriedades desses esquemas podem inexistir em metáforas.

Nesse sentido, a definição de esquemas proposta por esses pesquisadores é fluida e menos categórica. Como perspectivas futuras, sugerimos a possibilidade de aplicação do modelo de Análise Construcional e Resolução Contextual em expressões metafóricas, utilizando-se, desse modo, a visão de esquemas, proposta pelos autores supracitados.

Conclusão

Neste trabalho, verificamos que a construção de sentido de espaço e movimento se dá por meio do acionamento dos esquemas. Para isso, metáforas são fundamentais para o processo de especificações semânticas. Tais elementos são responsáveis pelo detalhamento e ampliação da simulação.

Nesse sentido, verificamos que nem todos os componentes da TRAJETÓRIA se conectam ao CONTÊINER, já que mapeamentos metafóricos se comportam de maneiras diferentes a depender do quão abstrato eles são, ou seja, quanto mais concretos os CONTÊINERES metafóricos forem, mais a chance do sucesso do perfilamento de seus componentes (*interior*, *exterior*, *portal* e *limites*).

Verificamos ainda que o *portal* e os *limites* são elementos mais concretos do CONTÊINER, além de que, na vida cotidiana, normalmente esses elementos têm menos importância do que o seu *interior*. Portanto, nossas experiências com CONTÊINERES estruturam as metáforas que o envolvem, definindo que o *interior* é o papel mais saliente.

Também notamos que, não obstante o *interior* do CONTÊINER seja um componente “essencial” da metáfora, a depender do grau de abstração a qual o

CONTÊINER é metaforizado, torna-se difícil de preenchê-lo, uma vez que, quanto maior o grau de abstração, mais distante as propriedades dos esquemas metaforizados vão se tornando das características dos esquemas-I.

Identificamos que o *caminho* da TRAJETÓRIA é um elemento “menos essencial” na vida cotidiana, este dado reflete na estrutura das metáforas, tornando o componente *caminho* menos essencial ao sentido da sentença e, por isso, menos usado que os outros papéis (*origem* e *meta*) nas recorrências das projeções metafóricas de TRAJETÓRIAS, tornando-o um componente “adicional”.

Ainda argumentamos que o fato de algumas propriedades dos esquemas analisados serem mais salientes do que outras, é explicado pelo motivo de prestarmos mais atenção, primeiramente, ainda quando bebês, nas propriedades dos esquemas que nos chamam atenção: o *interior* e o *exterior* do CONTÊINER, e a *meta* da TRAJETÓRIA.

Também observamos que tanto o *caminho* da TRAJETÓRIA quanto o *portal* do CONTÊINER são o meio, ou o motivo, pelo qual o *trajetor* atinge à *meta*, sendo que a diferença entre esses dois últimos componentes se dá pelo fato de o *portal* ser o elemento mais relevante, ou último “degrau” do *caminho*.

Com base em tudo que apresentamos, chegamos a uma análise mais refinada do papel da gramática no processo de construção de sentido de espaço e movimento das projeções metafóricas. As nossas conclusões corroboram que a experiência com TRAJETÓRIAS em CONTÊINERES são a base para a projeção metafórica de movimentos físicos e para a combinação desses esquemas, cujo resultado é uma estrutura linguística repercutida pelo processamento cognitivo.

Este trabalho ressaltou ainda, de forma mais detalhada, como a conexão entre esses dois esquemas acontece, mostrando que a metáfora é um importante recurso utilizado na linguagem, uma vez que sua função reside na emulação dos esquemas imagéticos, levando-os para um nível de abstração maior (NARAYANAN, 1997), conforme vimos nos exemplos analisados. Desta forma, ressaltamos a importância dos Esquemas-I na simulação mental, o que nos proporcionou entender com mais precisão como o aparato cognitivo (sistemas perceptuais e motores) atua na linguagem.

Acreditamos que o trabalho tenha sido relevante para o modelo de gramática concebido pela linguística cognitiva, pois nós destacamos algumas características importantes no processo de simulação mental que o leitor sofre ao ler os indexadores linguísticos que têm um *trajetor* se deslocando em relação a um *marco* como CONTÊINER. Já se sabe que os dois esquemas (CONTÊINER e TRAJETÓRIA) se conectam por meio dos seus componentes, mas de que modo isso acontece ainda requer respostas, por isso, neste trabalho, analisamos detalhadamente tais componentes e como eles se conectam, a fim de refinar a realização de uma simulação mental.

Referências

BARSALOU, L. Perceptual symbol systems. *Behavioral and Brain Sciences*, Cambridge, v. 22, n.4, p. 637–660, jul. 1999.

BERGEN, B.; CHANG, N. Embodied construction grammar in simulation-based language understanding. *In: ÖSTMAN, J.-O.; FRIED, M. (org.). Construction grammar(s): cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 147-190.

BERGEN, B.; CHANG, N. Embodied Construction Grammar. *In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (org.). Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford, UK: Oxford University Press, 2013. p. 168-190.

DUQUE, P. H. As construções linguísticas “para” e “para dentro de” e a simulação mental de espaço e movimento. *Revista Digital Letrônica*, Porto Alegre, v. 7, n.1, p. 298-324, jan./jun, 2014.

DUQUE, P. H. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em Frames. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, n. 39, p. 25-48, jul./ago, 2015a.

DUQUE, P. H. O processo de simulação na construção do sentido em narrativas. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 350-366, jan./abr, 2015b.

DUQUE, P. H.; COSTA, M. A. *Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal: EdUFRN, 2012.

FILLMORE, C. Frame semantics and the nature of language. *In: HARNARD, S. R.; STEKLIS, H. D.; LANCASTER, J. (org.). Origins and evolution of language and speech*. Nova York: New York Academy of Sciences, 1976. p. 20-32.

FILLMORE, C. Frame Semantics. *In: LINGUISTICS SOCIETY OF KOREA (Ed). Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-138.

FILLMORE, C. An alternative to checklist theories of meaning. *Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Societ*. Amsterdam. p. 123-131, 1975.

GIBBS, R. W. Why Cognitive Linguistics Should Care More About Empirical Methods. In: GONZALEZ-MARQUEZ, M.; MIDDELBURG, I.; COULSON, S.; SPIVEY, M. (org.). *Methods in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

GOSHLER, J. Embodiment and body metaphors. *Metaphoric*, v. 9, p. 33-52, 2005.

GRADY, J. E. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. PhD. Dissertation, University of California, Berkeley, 1997.

JOHNSON, M. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

JOHNSON, M. *The Meaning of the Body: Aesthetics of Human Understanding*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. (org.). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 2010.

LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (org.). *Metaphor and thought*. New York: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. New York, NY: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

MANDLER, J. M.; CÁNOVAS, C. P. On defining image schemas. *Language and Cognition*, v. 6, n. 4, p. 510-532, 2014.

NARAYANAN, S. *KARMA: knowledge-based active representations for metaphor and aspect*. PhD. Dissertation, University of California, Berkeley, 1997.

WHEELER, M.; PETERSEN, S.; BUCKNER, R. Memory's echo: Vivid remembering reactivates sensory specific cortex. *Proc. Natl. Acad. Sci.* v. 97, n. 20, p.11125-11129, 2000.